



Comitê Central dos Católicos Alemães | 01.12.2005

Judeus e Cristãos na Alemanha

Comitê Central dos Católicos Alemães

13 de abril de 2005

[Prefácio do presidente do Comitê](#)

[Prefácio do presidente do círculo do colóquio](#)

1. Judeus e Cristãos não são mais os mesmos
 1. [Mais judeus na Alemanha reunificada](#)
 2. [Menos cristãos perante tarefas maiores](#)
 3. [Segurar a memória para a quarta geração pós-guerra](#)
2. Pro-gressos – apesar de pedras de tropeço
 1. [O papa vai adiante](#)
 2. [Impedimentos no caminho](#)
 3. [Cristãos e judeus lêem a Bíblia diferentemente](#)
 4. [“Dabru Emet” – Eruditos judaicos entram em terra nova](#)
3. Sobre discutíveis se deve discutir
 1. [A aliança de Deus com Israel não está denunciada](#)
 2. [Missão aos judeus não deve ter ainda mais](#)
 3. [Também o que separa pertence ao diálogo: Jesus Cristo](#)
 4. [O escândalo dum mundo irredento](#)
4. Ética bíblica obriga para a sociedade mundial
 1. [Repelir ataque à dignidade humana](#)
 2. [Inimizade aos judeus – um escândalo em vestido novo](#)
 3. [Conduzir um colóquio aberto com o Islame](#)
 4. [Agir em público e na escola](#)
 5. [Entrar criticamente nos discursos sociais](#)
5. [Fim: Juntos “chamados para ser bênção ao mundo”](#)

[Referência à literatura: Veja pelo fim do texto alemão!](#)

[Membros do círculo de colóquio “Judeus e Cristãos”: Veja pelo fim do texto alemão!](#)

[Hospedes dos encontros da Academia de Munique de 2003 e 2004: Veja pelo fim do texto alemão!](#)

Prefácio do presidente do Comitê

O círculo de colóquio “Judeus e Cristãos” no Comitê Central dos Católicos Alemães existe (agora) já desde mais que trinta anos. O seu trabalho encontrou ressonância positiva nos judeus e nos cristãos, em Igrejas e no público também para além das fronteiras da Alemanha. Os efeitos dos seus escritos, tomadas de posição públicas, encontros acadêmicos, das viagens à comunidades judaicas ao

exterior, do trabalho nos *Katholikentage* [Dias dos Católicos] e no Dia Eclesial Ecumênico de 2003, não são para serem passados por cima. Sem o Círculo de Colóquio, o relacionamento judaico-cristão na Alemanha dificilmente não se teria tão positivamente, a percepção das questões judaicas-cristãs no público estaria mais escassa.

Porque, na Igreja Evangélica na Alemanha, há um diálogo judaico-cristão semelhante, o trabalho do círculo de colóquio tem também dimensão ecumênica.

Em 1979, o círculo fez a declaração “centros de gravidade do colóquio judaico-cristão”, na qual expõe o seu programa teológico. Agora pode dar ao público uma declaração teológica nova, a qual se junta à escrita de 1979 e a leva adiante. Esperamos que encontre a mesma ressonância.

Ao parceiro do colóquio vale o agradecimento do Comitê Central dos Católicos Alemães.

Prof. Dr. Hans Joachim Meyer

Presidente do Comitê Central dos Católicos Alemães

Prefácio do presidente do círculo do colóquio

Em 1979, saiu a nossa declaração “Centros de Gravidade Teológicos do Colóquio Judaico-Cristão”. Eram fruto de discussões apaixonadas de muitos anos, até os pudéssemos unanimemente despachar. Ainda hoje ela é a base do nosso trabalho.

Não só considerações humanitárias são que nos reúnem, somos antes ligados pela vontade de Deus uns com os outros. Nisso, não nos está suficiente que cristãos se remetam às suas raízes judaicas do tempo bíblico. Queremos mais. O diálogo exige contemporaneidade entre cristãos de hoje e judeus de hoje. Esse movimento de uns aos outros se vê, no futuro, ainda mais à responsabilidade comum pelo nosso mundo e sociedade periclitados.

Depois de 25 anos, voltamos a aproveitar novamente a mesma pergunta: Quais são os pontos de gravidade que são os mais urgentes para o colóquio cristão-judaico hoje? A resposta não pode ser a mera confirmação da tomada de posição antiga. Pois a situação religiosa e social atual não é mais assim como 25 anos atrás. Também os parceiros e os assuntos mudaram. Por isso, tentamos uma determinação nova de onde estamos.

Estímulo e animação para o seu trabalho, o círculo de colóquio o recebeu em dois encontros de clausura na Academia Católica da Baviera em Munique (2003 e 2004). A todos os hóspedes e participantes do colóquio agradecemos as contribuições críticas e as que ajudaram mais para frente.

Prof. Dr. Hanspeter Heinz

Presidente do círculo de colóquio “Judeus e Cristãos” no ZdK [Zentralkomitee der Deutschen Katholiken = Comitê Central dos Católicos Alemães]

I. Judeus e Cristãos não são mais os mesmos

1. Mais judeus na Alemanha reunificada

O tempo das “malas feitas” passou

Em comparação ao número de cerca de 100.000 membros de comunidade, a percepção pública de judeus e instituições judaicas na República Federal da Alemanha está surpreendentemente alta. Anti-semitismo está sendo, em geral registrado pela elite política e a mídia da corrente principal e recusado determinadamente. Ocasionalmente, se destaca até interesse demonstrativo e bem-querer de política e socialmente responsáveis para o desenvolvimento de vida judaica no país. Formas

subtis de inimizade aos judeus estão sendo menos consideradas.

Migrantes dos estados GUS, os quais desde o colapso da União Soviética foram neste país aceitos como “fugitivos de contingência”, experimentam geralmente aceitação. Essa onda de migração levou a uma mudança forte na comunidade judaica.

Depois da Segunda Guerra Mundial, tinham, antes de todos, os sobreviventes da Shoáh, os “pais de fundação” e as “mães de fundação” da geração judaica pós-guerra nas comunidades pós-guerra judaicas um peso especial no público alemão. Daqui a poucos anos não poderão mais levantar a sua voz. A geração pós-guerra socializada na Alemanha e as suas crianças move nas posições representativas nas comunidades. Ainda muitas judias e judeus nascidos em segunda ou terceira geração na Alemanha se sentem inseguros [*verunsichert*] pela perseguição do Nacionalsocialismo, assim que se possa falar de um trauma que se alastra pelas gerações.

Problemas de segurança nas comunidades, antes de tudo também a preocupação de ataques terroristas, geram como dantes receio e insegurança. Isso tem como consequência que, desde faz tempo e para um futuro não previsível, todas as casas comunitárias precisam ser seguradas contra ataques. Com a mudança das gerações, aumenta nas comunidades judaicas a convicção de que a defesa contra abusos terroristas seja coisa de toda a sociedade alemã.

Apesar de todos os problemas, a época das “malas feitas” na qual os judeus estavam inseguros se quisessem ficar permanentemente na República Federal da Alemanha, está no fim. Projetos de construções novas de sinagogas e centros comunitários foram empreendidos e completados. A percepção pública de cultura judaica se fortaleceu. Os ressentimentos contra os judeus viventes na Alemanha podiam ser derrocados amplamente. Desde então, cresce a aceitação mundial e, ao mesmo tempo, o auto-entendimento dos judeus alemães.

Como resumo, se pode manter: O Judaísmo está, apesar de grandes dificuldades, diante de vida nova na Alemanha – um desenvolvimento que faz poucos decênios ninguém teria achado possível nem no sonho. Em muitas cidades, nas quais, por muito tempo, não viveram judeus e judias, há outra vez atividades judaicas, nas quais também judeus e judias jovens participam. Esses são sinais de esperança.

As comunidades de padrão não mais representam todas as comunidades

Até no fim da década dos 1980, as comunidades judaicas na antiga República Federal contavam cerca de 25.000 membros. Muitas comunidades eram superenvelhecidas. A imigração de migrantes dos estados GUS pôs fim à extinção demográfica. Assim, o número dos membros das comunidades judaicas na República Federal da Alemanha aumentou para cerca de 100.000. Provavelmente, cerca de 50.000 judeus vivem na Alemanha sem se tornar membros das comunidades. Entre os imigrantes há muitas pessoas jovens. A integração social, econômica, cultural e religiosa dos imigrantes chegou a ser tarefa central das comunidades. Até hoje, a sua ajuda na procura de moradia, formação, idas à repartições, aquisição de língua, etc. está sendo necessária. Essas tarefas novas são desafios, os quais às comunidades judaicas, ao mesmo tempo, abrem chances para o futuro. Essas tarefas novas são desafios que abrem, ao mesmo tempo, chances para o futuro às comunidades judaicas. As comunidades estão dispostas a utilizar essas chances, aproveitando a sua responsabilidade.

Muitos dos judeus que vivem na Alemanha tomam engajadamente parte no destino do Estado de Israel, apoiando ideal e financeiramente instalações israelenses. Outros têm ao Estado Israel antes um relacionamento ambivalente.

Desde a década dos 1990, desenvolveu-se na vida judaica na Alemanha um pluralismo novo. Antes da destruição em massa, havia na Alemanha Judaísmo essencialmente liberal e ortodoxo. Hoje há, ao lado desses grupos tradicionalmente existentes e os judeus seculares, ainda outros

agrupamentos. A esses pertencem, por exemplo, os “*Chassidim de Lubawitsch*” que exercem trabalho missionário intrajudaico. A “União de judeus progressivos” (1997) se consolidou entrementes juridicamente com uma série de comunidades membros. O Colégio Abraham Geiger, fundado em 1999 na universidade de Potsdam serve para a formação de rabinos liberais. Desde 1979, existe a *Hochschule für Jüdische Studien* [Academia para Estudos Judaicos] em Heidelberg.

Essa variedade judaica deveria ser mais percebida pelas comunidades cristãs. Expectativas religiosas falsas aos judeus que vivem aqui devem ter fim. A isso pertence a suposição de que todos os judeus observem as leis de alimentação e o (dia da) Shabat de modo ortodoxo. Uma visão tal vem da suposição errada de que só o Judaísmo ortodoxo estaria para ser considerado como “genuíno”. Mas é que perfaz somente 6 – 10 % da população judaica mundial. Esclarecimento é preciso para produzir um relacionamento realista e desembaraçado entre judeus e cristãos e para não ver nos judeus e no Judaísmo algo de “exótico”.

A memória da Shoáh deve ser guardada também no futuro. A palavra de Salomon Korn vale: Para nós e a geração próxima “o anormal” será “normal”.

2. Menos cristãos perante tarefas maiores

Desde 1979, também a situação dos cristãos e das Igrejas na Alemanha mudou essencialmente.

A restituição da unidade alma no ano de 1990 representa, na retrospectiva, também para os cristãos um momento de transição. Embora, antes de todos, os cristãos tivessem grande parte na transição, as Igrejas continuaram, desde então, a perder mais em apoio social. Desde então, a quota de não-crentes, de agnósticos, de esotericamente orientados e de religiosamente indiferentes aumentou notavelmente na Alemanha. Com isso continuava para as Igrejas uma perda de importância, perda essas que, já antes, carregava as comunidades cristãs com os fenômenos sociais de pluralização, individualização e secularização.

Essa situação nova seria, para judeus e cristãos, apesar de todas as diferenças, motivo para se apresentarem mais juntos que antes. As novas possibilidades mal deveriam ter sido sondadas, p. ex. na briga sobre a relação com Deus na Constituição Européia ou em assuntos ecológicos, bio-éticos e de política social e de família.

Depois do 11 de setembro de 2001, as religiões monoteístas foram percebidas novamente como fator político, atraindo a si atenção reforçada da mídia. Atualmente, a ameaça das sociedades ocidentais pelo terror islâmico absorve toda a atenção. Por isso, o diálogo inter-religioso entre Judaísmo, Cristandade e Islame chega sob uma pressão notável.

Desde a segunda *intifada* no ano de 2000, o colóquio judaico-cristão está sendo carregado pelo conflito do Próximo Oriente. A crítica amplamente divulgada na política do governo israelense ultrapassa muitas vezes os limites para formas de anti-semitismo, as quais contavam como superadas faz muito tempo. A crítica dos parceiros cristãos na política israelense deveria, ao contrário, sempre estar na base de uma solidariedade fundamental com o Estado de Israel e das pessoas deste. Onde isso não for o caso, o diálogo judaico-cristão entra numa crise perigosa.

3. Segurar a memória para a quarta geração pós-guerra

No lado judaico e no cristão entrou, com os de 30 a 45 anos de idade, a terceira geração na cena. Alguns, com interesse grande na história judaica e cristã, tomam um balanço novo para a pesquisa e avaliação teológica da Shoáh. Querem um diálogo sem expectativas exageradas sobre um “consenso” futuro.

O colóquio entre as gerações judaicas e cristãs que chegam a crescer contém uma chance

significada para a preservação da memória na Shoáh. Comunidades cristãs e judaicas o deveriam promover como podem e não o deixar atrás perante dos seus problemas internos (diminuição de membros e miséria de finanças das Igrejas, integração e pluralização crescente das comunidades judaicas). A isso pertence também uma abertura para posição de questões novas, com as quais pessoas mais jovens procurem por um acesso específico da sua geração à história da Shoáh. O desaparecer determinável dos sobreviventes e testemunhas da Shoáh modificará fundamentalmente as formas da memória e lembrança. Formas novas da mediação pela mídia (documentação vídeo, filmes de interpretação, literatura, meios de ensino interativos, etc.) e da memória pública jogarão nisso um papel importante, a ser criticamente acompanhado. Ao mesmo tempo fica claro que o encontro não-prevenido com o vizinho judaico e o colóquio livre entre judeus e cristãos sobre a Shoáh, também no futuro, não serão substituíveis por nada. Só assim, uma memória adequada poderá ser segurada para muito tempo.

II. Pro-gressos - apesar de pedras de tropeço

1. O papa vai adiante

O Concílio Vaticano Segundo ousou programaticamente uma determinação nova da relação da Igreja Católica ao povo judaico. Por fato e palavra, João Paulo II abriu para essa mudança o caminho ao futuro. Os pronunciamentos do magistério eclesial, bem como uma discussão intensiva na teologia - desenvolvimentos comparáveis há nas Igrejas Evangélicas - se deixam resumir em poucas sentenças centrais:

- Nenhuma fidelidade de Deus somente à Igreja, mas igualmente ao povo judaico. Por isso, cristãos e judeus estão sendo igualmente chamados para se entender como “povo da aliança” e ser “luz dos povos” (Is 49,6; Mt 5,14).
- Nenhuma catequese da fé cristã sem introdução na tradição viva do Judaísmo.
- Nenhuma reconciliação com Deus sem reconhecimento da história da culpa da Igreja a respeito do povo judaico.
- Nenhuma compreensão da revelação bíblica sem a leitura do Antigo Testamento e sem levar a sério os modos de ler descritos judaicos.

Esses pronunciamentos possam ser irritantes para o entendimento tradicional de cristãos. Exigem uma determinação nova da identidade cristã. O Comitê Central dos Católicos Alemães contribuiu a isso, com o seu círculo de colóquio “Judeus e Cristãos” com contribuições numerosas. As iniciativas e pronunciamentos de doutrina de e sob João Paulo II aprofundaram e fortaleceram muitos esforços do círculo de colóquio.

A isso alguns apontamentos: “Diálogo exige contemporaneidade” soa a tese central da nossa declaração teológica de 1979. Nessa intenção, a Igreja tenta o colóquio com o Judaísmo do tempo presente, querendo ouvir o auto-entendimento deste. Pois “pela vontade de Deus” estamos ligados uns aos outros. Na sua primeira visita à Alemanha em 1980, o papa formulou, perante representantes do Conselho Central dos Judeus e das conferências de rabinos em *Mainz* [Mogúncia] como regra básica para a teologia católica: “A primeira dimensão do diálogo [cristão-judaico], a saber: o encontro entre o povo de Deus da aliança antiga nunca denunciada por Deus e aquele da Nova Aliança é, ao mesmo tempo, um diálogo dentro da nossa Igreja, como que um diálogo a primeira e a segunda parte da sua Bíblia.” Pressuposição é o entendimento daquilo que teologicamente esteja na Antigo Testamento “de valor próprio e duradouro, ... porque isso, pela interpretação à luz do Novo Testamento, ... não está sendo desvalorizado. ... Uma segunda dimensão do nosso diálogo - a própria e central - é o encontro entre as Igrejas cristãs hodiernas e o povo hodierno da aliança concluída com Moisés. Nisso importa que os cristãos ... aprendam quais

traços fundamentais para a realidade religiosa vivida dos judeus são tão essenciais em conformidade com o seu entendimento próprio.”

Em 1974 e 1985, a comissão vaticana para relacionamentos religiosos a judeus publicou duas declarações. O documento para a apresentação dos judeus e Judaísmo em pregação e catequese de 1985 critica o desconhecimento das tradições do Judaísmo, exortando os cristãos que considerem essas tradições “como estão ainda conhecidas e vividas”. Ao ambiente escolar, o círculo de colóquio forneceu uma contribuição. O projeto estimulado por ele e realizado na universidade de Freiburg [Alemanha] “Processo de Aprendizagem Judeus Cristãos” levou, desde 1980, a uma revisão dos livros escolares e edições da Bíblia comentadas na Alemanha.

A visita de João Paulo II na Grande Sinagoga de Roma no ano de 1986, era a primeira visita de um papa numa sinagoga. Foi, na percepção pública, apreciada um como acontecimento histórico no caminho de aproximação da Igreja Católica ao Judaísmo. O papa quis pôr um sinal para “que os velhos preconceitos são superados, dando-se lugar para um reconhecimento cada vês mais pleno da ‘ligação’ e daquela ‘herança comum’, a qual existem entre judeus e cristãos”. A sua alocução culminou nas palavras: “Vós sois os nossos irmãos preferidos e, assim se poderia dizer de certo modo, os nossos irmãos mais velhos”. Ao contato, as viagens do círculo de colóquio a comunidades judaicas em Israel, nos EUA, Polônia, Hungria, França e República Tcheca.

50 anos depòs da *Reichsprogromnacht* [noite de pogrom do império], o círculo de colóquio compôs, em 1988, a declaração “Depois de 50 anos – como falar de culpa, sofrimento e reconciliação?”. Nenhum outro dos nossos textos encontrou uma ressonância tão forte e uma divulgação tão ampla. O papa expressou a problemática da longa história cristã de culpa no Ano Santo 2000 pela confissão de culpa na catedral de São Pedro publicamente. Um dos pedidos por perdão se referiu ao relacionamento da Igreja a Israel. Os judeus estão sendo como “o povo da aliança e dos louvores”. Isso era um testemunho mundialmente reparado da vontade eclesial de reconciliação. Também a peregrinação seguinte do papa à Terra Santa era de alto significado simbólico. Visitou o memorial para seis milhões judeus assassinados YóD VòShêM em Jerusalém. No Muro Ocidental depositou um papelinho de oração, cujo texto é idêntico com o pedido de perdão de São Pedro: “Deus, nosso Pai, escolheste Abraão e os seus descendentes para levar o Teu nome aos povos. Estamos profundamente entristecidos sobre o comportamento de todos os quais, no decorrer da história, fizeram sofrer os Teus filhos e filhas. Pedimos perdão e nos queremos empenhar que reine fraternidade genuína com o povo da aliança.”

2. Impedimentos no caminho

Por desgraça, temos de lamentar, nos últimos anos, também alguns acontecimentos que não cabem dentro do desenvolvimento agradável em geral. Três exemplos provem isso:

O “Catecismo da Igreja Católica”, que saiu em 1992, foi criticado pelo círculo de colóquio. Embora, onde fala diretamente do Judaísmo, não caia por trás dos pronunciamentos do concílio sobre os judeus, fica atrás das expectativas que se deve pôr hoje num catecismo. Certamente não é conscientemente anti-judaico, mas sim, porém, a-judaico, quer dizer: um documento em que os judeus não estão sendo suficientemente considerados. O catecismo tem obviamente dificuldade de reconhecer o Judaísmo pós-bíblico como grandeza consistente em si da história da salvação ao lado da Igreja, falando em muitos lugares da Igreja como não haveria o Judaísmo, embora a fala sobre a ligação eclesial ao Judaísmo seja imposta pelo assunto.

Na declaração vaticana “Nós nos lembramos – uma reflexão sobre a Shoáh” (1998) se trata do fundo histórico do anti-semitismo, da Shoáh e das formas novas em que o anti-semitismo se manifesta. Embora ao círculo de colóquio parecesse justificada a distinção entre antijudaísmo e anti-semitismo e o esforço de lembrar a culpa histórica da Cristandade, criticou, no entanto, a diferenciação

teológica entre a santidade intacta da Igreja e a culpa dos seus membros. Em globo, averiguou uma tendência apologética na apresentação da história, vendo nisso um regresso a respeito da declaração dos bispos alemães e austríacos “Assumir o peso da história” de 1988, bem como a respeito da declaração de bispos franceses de 1997.

A beatificação simultânea dos dois papas eclesial-politicamente tão diferentes, Pio IX (1846-1878) e João XXIII (1958-1963), parece servir a duas tendências eclesiais correntes em direção contrária. Enquanto João XXIII convocou o Concílio Vaticano Segundo, empenhando-se a si mesmo para um relacionamento renovado da Igreja aos judeus, o papa do Primeiro concílio Vaticano, Pio IX, tem de ser criticado por causa de pronunciamentos e ações antijudaicos abertos. A sua beatificação encontrou incompreensão não só no círculo de colóquio.

3. Cristãos e judeus lêem a Bíblia diferentemente

Depois da constituição dogmática “*Dei Verbum*” do Concílio Vaticano Segundo, há uma primavera na teologia bíblica católica. Os conhecimentos exegéticos novos foram considerados em declarações oficiais da Comissão Bíblica Papal. A ser mencionado está, antes de tudo, “O povo judaico e a sua Sagrada Escritura na Bíblia cristã” (2001). Em continuação das declarações se diz aqui: “Nós cristãos podemos e devemos admitir que a leitura judaica da Bíblia representa um modo possível de ler, a qual resulta organicamente da Sagrada Escritura do tempo do Segundo Templo, em analogia ao modo cristão de ler, a qual se desenvolvia paralelamente. Cada um dos modos de ler fica fiel à respectiva visão de fé, cujo fruto e expressão ele é. Assim, uma não é reduzível à outra.” O sim recusado de Israel a Jesus de Nazaré pode, também por cristãos, ser qualificado como fidelidade à tradição judaica. Igualmente, a fidelidade judaica às suas Sagradas Escrituras próprias e a esperança judaica de salvação estão sendo reconhecidas no seu valor teológico. Com razão, o documento afirma também que o entendimento cristão do Antigo Testamento se baseia na pluridimensionalidade da fala humana, assim que a pluralidade das significações do texto é constitutiva para a interpretação da Bíblia.

Cientistas judaicos ajudavam a teólogos e pedagogos de religião cristãos, proporcionando, aos parceiros cristãos, uma percepção melhor do Judaísmo na sua multiplicidade e vivacidade. Desde anos, saem volumes de comentário à Bíblia Hebraica, nos quais peritos judaicos colaboram. Acessos rabínicos deixam esses livros, para leitores cristãos, aparecer em nova luz. Desde 1973, sai a coleção “Escritos judaicos do tempo helenista-romano”, na qual os escritos do Antigo Testamento grego (Setenta) são de importância grande, porque todos autores neo-testamentários os recebiam com as imaginações teológicas daqueles. Muitos mal-entendidos nascem no diálogo cristão-judaico, porque judeus entendem as suas Sagradas Escrituras no modo de ler hebraico e os cristãos lêem o Novo Testamento gregamente cunhado, com as imaginações recebidas do Judaísmo grego, p. ex. ao imagem de Deus (palavra de Deus, sabedoria de Deus), até à criação (do nada), até a ressuscitação (do indivíduo na morte). A leitura do Judaísmo de língua grega facilita entendimento entre judeus e cristãos. Na interpretação do Novo Testamento se cuida cada vez mais conseqüentemente evitar clichês antijudaicos, entender o movimento Jesus uma como tendência do Judaísmo de reforma, evitando os déficits duma leitura antijudaica da Bíblia.

4. “Dabru Emet” - Eruditos judaicos entram em terra nova

[Tradução portuguesa de [“Dabru Emet”](#)]

Judeus fazem parte essencial no que, desde decênios, o relacionamento entre cristãos e judeus, apesar de vários reveses, se desenvolveu surpreendentemente bem.

- No nosso círculo de colóquio, judeus e cristãos discutem questões religiosas, teológicas, históricas e também políticas atuais.

- Nos países anglo-saxônicos e além destes há, desde decênios, uma cooperação agradável entre cristãos e judeus em vista a tarefas sociais e políticas atuais.
- Organizações judaicas nacionais e internacionais se pronunciaram de louvor à tomadas de posição e medidas de criar confiança por parte das Igrejas cristãs.

A declaração “Dabru Emet – Dizei a Verdade” do 19 de setembro de 2000, à qual aderiam entretantes cerca de 300 personalidades judaicas, anda mais um passo para frente. Sem reivindicar de possuir obrigatoriedade judaica, os autores e co-assinantes representam um espectro largo do Judaísmo nos EUA. Mas não é para passar por cima que “Dabru Emet”, em muitos círculos judaicos, mal encontrou ressonância, sendo também, por várias judias e judeus, veementemente criticada.

“Dabru Emet” entra em terra nova com a expectativa de que também pela parte judaica surja mais interesse num diálogo teológico com cristãos. Os anseios principais são:

- Há aproximações e consensos entre judeus e cristãos. Com toda a clareza está sendo verificado que ambos adoram o mesmo Deus, se apóiam no mesmo livro, a Bíblia, reconhecem os princípios morais da Toráh e têm uma responsabilidade comum pelo mundo.
- Também “ferros quentes” estão sendo apanhados. As diferenças inabólveis entre judeus e cristãos no entendimento de Deus, da Bíblia e da salvação ou a inimizade eclesial da Igreja de muito tempo e o relacionamento problemático das Igrejas ao Nacional-socialismo estão sendo apresentados inequivocadamente.
- O texto diz claramente que os judeus esperam dos cristãos, finalmente, renúncia à missão aos judeus e reconhecimento da autonomia religiosa destes.
- Perspectivas duma esperança para o futuro estão sendo mostradas e tarefas comuns para o mundo nomeadas.

“Dabru Emet” é um documento que se pode tornar um como impulso significado para o desenvolvimento ulterior do relacionamento judaico-cristão.

III. Sobre discutíveis se deve discutir

1. A aliança de Deus com Israel não está denunciada

Enquanto antigamente na Igreja foi ensinado indiferentemente que fora da Igreja e sem Cristo não havia salvação (“*extra ecclesia nulla salus*”) o Concílio Vaticano Segundo se apropriou, em “*Nostra Aetate*” a confissão bíblica de que Deus quer a salvação de todas as pessoas humanas (1Tm 2,4), até do mundo inteiro (Jo 3,17). A partir daí, orações como “Ninguém chega ao Pai senão por mim” (Jo 14,6; semelhante At 4,12; diferente Mt 7,21) são para serem ponderadas de novo. Essa orientação modificada da Igreja levou a uma avaliação nova de todas as religiões do mundo. No debate pró-conciliar, pela significância da qual foi, no entanto, não raramente uma separação teológica do Judaísmo nivelada, equiparando o Judaísmo, em bloco, às religiões não-cristãs.

O círculo de colóquio se vira contra essa tendência, intervindo decididamente para a relação da Crandade ao “Israel de Deus”, quer dizer: ao Judaísmo pré-cristão e pós-bíblico. Apóia-se nisso, entre outros, nos capítulos 9-11 da Carta aos Romanos, nos quais o apóstolo Paulo diz que Deus irrevogavelmente está fiel às Suas promissões (Rm 9,4). Paulo está convencido de que o seu anúncio está idêntico com a dos profetas (Rm 1,2). Só pela fé, judeus e não-judeus são salvos (Rm 1,16s.). No fim, Deus se compadecerá de todos (Rm 11,32). Isso vale para Israel e para os povos pagãos.

Embora Paulo veja a ponte para a salvação dos povos pagãos antes de tudo na aliança pré-sinaítica de Deus com Noé, não desconsidera a importância da aliança do Sinai (Ex 19-20) e da aliança nova anunciada pelo profeta Jeremias (Jr 31,31-34) para Israel, já que Deus mesmo, na sua fidelidade de aliança, levará essas conclusões de aliança a sua complementação. Paulo afirma que Israel possui ainda a Toráh e o culto divino (Rm 9,4). Portanto, as promessões de Deus – independentemente daquilo de se Israel chegar à fé a Jesus ou não – mantêm a sua validade.

Perante esse fundo se tem de entender a fala da “nunca renunciada aliança” cunhada pelo papa João Paulo II e, entretantes, usada. Está apta a mostrar a fidelidade de Deus ao povo escolhido, e isso também ao Judaísmo hodierno.

Paulo, no entanto, não tinha a opinião de que, com essas exposições, ter resolvido todos os problemas da relação de comunidades judaicas e do “Israel de Deus”. Pelo fim das suas exposições, se remete à sabedoria profundíssima e caminhos inescrutáveis da salvação de Deus (Rm 11,33-36).

Portanto, o diálogo judaico-cristão do presente não deveria tentar alvejar soluções abrangentes para todos os problemas teológicos. Pode, porém, muito bem contribuir para que judeus e cristãos possam se entender pertos uns aos outros no louvor da fidelidade firme de Deus – incomparável com as outras religiões.

2. Missão aos judeus não deve ter ainda mais

Se Deus, conforme as palavras de Paulo, inclui cada vês diferentemente judeus e não-judeus na sua compaixão, precisamos hoje reconhecer agradecidos que nem os uns nem os outros são excluídos da salvação. É Deus que mesmo abre o caminho e o entendimento do evangelho. Portanto, o círculo de colóquio defende com ênfase grande, que não deva haver missão aos judeus.

Para isso há, ao lado de razões bíblicas importantes, também razões históricas. A missão aos judeus era, em muitas fases da história, ligada à repressão, violência e força por parte dos cristãos, causando angústia horrível a grandes partes do povo judaico. Só essa história nefasta já justifica suficientemente a recusa hodierna da missão aos judeus. Também os cristãos devem, entretantes, ter chegado à clareza de que a resistência de muito tempo e ligada a muitos sacrifícios dos judeus contra a missionação e se explica, entre outras coisas, pelo que a maioria dos judeus estavam firmes na sua convicção de viver na aliança com Deus e de conhecer e andar com a Toráh o caminho o qual lhes está determinado por Deus.

A recusa determinada da missão aos judeus não diz, porém, que Judaísmo e Cristandade se precisam isolar um do outro. Ao contrário. Ganham a liberdade de se dar conta mutuamente sobre a sua fé. Paulo fala que “todo o Israel será salvo” (Rm 11,26s.) quando vier o salvador de Sião. Sobre isso, a Cristandade se pode alegrar, sem precisar por em jogo a sua própria esperança por Israel.

3. Também o que separa pertence ao diálogo: Jesus Cristo

A fé em Jesus Cristo é alheia ao Judaísmo pós-bíblico ou lhe até parece errado. Podem aqui ser construídas novas pontes? Essa pergunta estará a ser respondida positivamente, quando duas pressuposições valerem claramente:

- Jesus Cristo é, segundo a confissão cristã o “Sim e Amem” (2Cor 1,20) da fidelidade irrevogável de Deus a Israel e ao mundo inteiro.
- Todavia, há – pela mesma fidelidade de Deus – uma salvação para Israel sem fé em Jesus Cristo.

O aporético de ambos os pronunciamentos é para ser deixado à sabedoria profunda de Deus (cf. Rm 11,25-36). Pode, segundo Franz Rosenzweig, ser resolvido, quando a primeira palavra (da criação) se tiver mostrado como a palavra última (da salvação).

Jesus pertence, na fé cristã, ao centro da fé em Deus, enquanto, para judeus, a pergunta pelo significado de Jesus não se põe a partir do seu entendimento de Deus. Todavia, Jesus pertence ao colóquio judaico-cristão. Nisso, o lado cristão, na base da sua cristologia, deve estar interessado em evitar mal-entendidos. A interpretação de Jesus cristã não deve parar no Jesus histórico. Não deve também não desenvolver somente uma cristologia dogmática, a qual fala do se tornar homem de Deus assim como se Jesus substituiria o Deus criador do Antigo Testamento. O defronte de Jesus e o Deus de Israel e ao mesmo tempo a unidade de Jesus com o Pai (Jo 17,11) formam o fundamento da doutrina cristã de Trindade, a qual, secundo a fé cristã, não contradiz à confissão ao Deus Único.

O Concílio de Calcedônia [hoje Kadiköy, Turquia] (451) jogou papel decisivo para o entendimento daquilo que se entende com o se tornar homem da palavra de Deus. Diz que Jesus Cristo seria verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem (“*vere Deus*” e “*vere homo*”). Segundo isso, no homem Jesus, na sua vida, na sua pessoa, pode realmente ser ouvida a palavra de Deus (“logos”). Por isso, não deve ser tomado nada do seu ser homem. Mas, vice-versa, essa auto-renúncia de Deus não significa que, em Jesus, não se trata de uma autocomunicação de Deus: Divindade perfeita e ser homem perfeito contêm o seu modo e não devem ser fundidos um no outro. É que a união de logos e homem tem exatamente a diferença permanente de criador e criado como pressuposição. Só quando se partir da clareza formal da confissão de Cristo da Igreja primitiva, será possível evitar mal-entendidos.

Para o colóquio, a humanidade de Jesus é de importância especial. Jesus é quem oferece ao Deus de Israel e à pessoa humana que precisa de salvação a sua entrega até para dentro da morte. Ele é salvador, ensinando-nos andar o caminho da salvação. É ele que estava na forma de Deus e se rebaixou a si mesmo até à morte (Fl 2,5-6). Nele apareceu a “bondade e amizade aos homens” de Deus (Tt 3,4). Ela é sinal da fidelidade de Deus ao Seu mundo. Ela resplandece na vida dele e na morte dele, recebendo na sua ressurreição o selo da fidelidade de Deus.

Perguntar-se por visões no Judaísmo, as quais tenham estrutura semelhante com a cristologia, se oferecem somente tais que falam da inclinação de Deus ao mundo e às pessoas humanas. Essas são numerosas e central no Judaísmo primitivo, em que, no entanto, fica excluída uma identidade com uma pessoa humana.

4. O escândalo dum mundo irredento

Os cristãos vêem na vida, morte e ressurreição de Jesus o fundo que Deus mesmo pôs da sua salvação (2Cor 5,18s.). Essa fé, que os judeus não compartilham, está sendo pela situação irredenta do mundo posta numa prova dura, exatamente depois do Holocausto no século 20. Como dantes, há culpa, sofrimento e morte. Como dantes, nem Israel nem o mundo vivem em paz, embora seja exatamente isso que se deveria esperar do messias de Deus.

Quem joga uma primeira luz para esse problema difícil é outra vez Paulo, segundo quem “a criação inteira geme e jaz em dores de parto até hoje” (Rm 8,22). Segundo ele, nos é dada a salvação em forma de esperança pela perfeição universal.

Também os judeus têm a esperança da perfeição do mundo inteiro (*TiQUN HaÒLÓM*), a qual se baseia na promessa de Deus. Essa confissão comum ao Deus das promessões irrevogáveis é, em consideração da irredenção do mundo, de significado alto.

Mais importante que todas as reflexões teóricas a sofrimento e salvação é, todavia, a remissão para a praxe de vida de judeus e cristãos, quando dão aos sofredores ajuda e doação concretas. Isso é o

sentido do mandamento bíblico de amor. Isso é a mensagem dos profetas que se fizeram, em nome de Deus, advogados dos órfãos e viúvas, acusando publicamente a injustiça causada pelos poderosos e ricos. Também os evangelhos, em geral, como Jesus avançou contra sofrimento e contra injustiça. No dia do juízo vale, para ele, somente o critério: “O que tivestes feito para um dos meus irmãos mais ínfimos, a mim é que o fizestes” (Mt 25,40). Nisso, se entende de acordo com os profetas de Israel (Is 58,1-14). A ética de Jesus, a saber, era a ética judaica. Dessa averiguação bíblica resulta, como tarefa central de judeus e cristãos, perceber e aliviar sofrimento alheio, pondo assim sinais da salvação num mundo irredento.

No Evangelho de Mateus diz: “Não cada um que me fala ‘senhor, senhor’ entrará no reino do céu, mas sim quem faz a vontade do meu Pai” (Mt 7,21). A comunidade de Mateus reconhece com isso que haja, na fidelidade à Toráh, uma salvação, a qual não se precisa remeter a Jesus. Por isso, a esperança para a salvação perfeita une judeus e cristãos mais que a interpretação de Jesus cristã os separa.

IV. Ética bíblica obriga para a sociedade mundial

1. Repelir ataque à dignidade humana

Hoje, judeus e cristãos se encontram diante de tarefas comuns novas. A sua ética bíblica é um critério irrenunciável para a inspiração da sociedade atual.

Assim, judeus e cristãos são requeridos para agir contra a economização progredinte da pessoa humana, descobrindo a idolatração vasta de capital e poder econômico. Paradigmático para isso é o seu desempenho para (o dia da) *ShaBóT* e o Domingo. Nisso, porém, serão credíveis somente se, cada um por si, cultivarem uma cultura correspondente desse dia, a qual passa ter efeito de modelo.

Em vista das reformas sociais no nosso país, é, a isso, tarefa comum nossa proporcionar aos fracos e sem amparo a serem ouvidos e defender os direitos deles energicamente.

Mais um campo para o agir comum, os problemas éticos no começo da vida e no fim da vida representam. Juntos, judeus e cristãos se empenham para a proteção incondicional da vida humana até à morte, considerando-o inadmissível que pessoas, por decisão própria, ponham ativamente fim à vida na terra. No entanto, há também diferenças importantes, ainda não suficientemente sondadas, entre ambos. Segundo a doutrina católica, a dignidade da pessoa humana começa com a concepção, enquanto essa convicção, pela parte judaica, não está sendo compartilhada em geral. Por isso, a lei religiosa judaica pode tirar outras conseqüências que a ética católica das tradições bíblicas comuns em vista do diagnóstico pré-natal e pré-implantação ou da proteção do embrião. Apesar dessas diferenças, é que judeus e cristãos concordam em que a dignidade da pessoa humana que resulta da sua semelhança com Deus, como essa está ancorada no nosso Lei Fundamental, não deve ser violada. Onde a dignidade da pessoa humana não for respeitada estará, na convicção deles, também o estado de direito ameaçado nos seus fundamentos básicos.

2. Inimizade aos judeus - um escândalo em vestido novo

Em vista da inimizade aos judeus, a qual no tempo mais recente aparece em muitos países nova e agressivamente, os cristãos têm obrigação. A solidariedade auto-evidente com judeus exige que a defesa contra abusos anti-judaicos no público não deve ser coisa de judeus somente. Os cristãos se devem opor a todas as formas de inimizade aos judeus, sejam essas novas ou velhas, também publicamente.

É preciso analisar as causas as quais levam a inimizade nova aos judeus. Sensacionais são especialmente a afluência forte de grupos militantes islâmicos, os sucessos eleitorais de partidos radicais de direita, o robustecer de ódio aos estrangeiros e a inimizade aos estranhos, a falta de

orientação de muitos jovens, bem como a integração defeituosa de estrangeiros, migrantes e grupos de margem.

Mais outra forma de anti-semitismo está muitas vezes ligada à crítica da política do Estado de Israel. Os judeus esperam retamente que se distinga entre a política de Israel e os judeus na Alemanha. Todavia, deveria também ficar claro que uma crítica fundada no Estado de Israel e da política deste ainda não representa anti-semitismo.

3. Conduzir um colóquio aberto com o Islame

Sem um colóquio intensivo das “religiões monoteístas”, uma convivência pacífica das pessoas humanas não é pensável nem no Próximo Oriente nem na Alemanha. Por isso, o círculo de colóquio simpatiza com todas as iniciativas para um colóquio muitas vezes designado como “abraâmico” ou também como “trilógico” entre representantes de judeus, cristãos e moslins.

É preciso, porém, insistir em que as relações entre judeus, cristãos e moslins são de espécie muito diferente. Judaísmo e Cristandade estão numa relação especial uma a outro, porque compartilham, um como o outro, a Bíblia Hebraica, a qual está sendo chamada de “Antigo Testamento” pelos cristãos, enquanto o Corão, embora se refira a pessoas e acontecimentos no Antigo e no Novo Testamentos, esses ambos, porém, não os reconhece como escritos de revelação. Além disso, se encontram no Corão, ao lado de pronunciamentos positivos sobre Judaísmo e Cristandade, também tais que estão sendo percebidos como apresentações distorcedoras da sua fé pelos judeus e pelos cristãos.

O círculo de colóquio “Judeus e Cristãos” deseja um colóquio aberto o qual, a favor de um entendimento futuro, não receie a discussão teológica, recuse a discriminação de outros e afirme liberdade e proteção dos direitos humanos.

No Comitê Central dos Católicos Alemães há um círculo “Cristãos e Moslins”. Um contato de ambos os círculos é para ser considerado para o futuro, embora ambos os círculos, até agora, pusessem pontos de gravidade diferentes para o seu trabalho. No futuro, nos temos de propor geralmente uma recusa clara à funcionalização de conteúdos de fé para quaisquer interesses de espécie religiosa ou política – também na comunidade própria de fé – e apoiar os esforços de muitos moslins por um uns-com-os-outros pacífico.

4. Agir em público e na escola

Para o círculo de colóquio fica tarefa permanente levar as perspectivas e compreensões novas do seu trabalho ao público. Apoiará as academias engajadas nesse campo, devendo cuidar que encontrem ainda mais ressonância na formação de adultos, no trabalho comunitário e na mídia. Na pregação e catequese se precisa reparar especialmente em que conhecimento e compreensão do Judaísmo e das relações entre Judaísmo e Cristandade – também correspondentemente aos numerosos pronunciamentos magisteriais – sejam transmitidos.

Para isso, cabe ao ensino de religião a tarefa de levar os resultados do colóquio judaico-cristão à geração jovem. Se bem que os impulsos do círculo de colóquio, nos últimos decênios, tinham efeitos imensamente positivos – planos de ensino e livros de escola, materiais de ensino e desenvolvimentos de projetos, literatura de disciplina, meios de comunicação e encontros oferecem entrementes ajudas boas a professores e professoras, ajudas essas que possam conduzir a um trato responsável com a temática de “Judaísmo” – não obstante, se depara em alunas e alunos, ocasionalmente também em professoras e professores, ainda déficits no conhecimento e compreensão dos assuntos cristãos-judaicos.

Diferentemente ainda que nos tempos de começo do círculo de colóquio, hoje cerca um terço de

todas as alunas e alunos não freqüenta mais o ensino religioso de modo algum. A maioria destes participa em disciplinas de substituição, como filosofia ou de conhecimento de vida/ética/religião. Põe-se, portanto, cada vez mais urgente a pergunta de que entendimento do Judaísmo e do Cristianismo possa e deva ser transmitido também fora do ensino religioso. Às professoras e aos professores, na transmissão de todas as matérias de entendimentos e conhecimentos respectivos, sem os quais uma compreensão da nossa cultura e história européia não parece possível, caberá uma responsabilidade crescente.

5. Entrar criticamente nos discursos sociais

O mandamento bíblico de amor a Deus e ao próximo (Dt 6,5; Lv 19,18; Mc 12,28-31 par.) obriga judeus e cristãos igualmente. A profissão do Deus Único, a Quem devemos amar com todo o coração, toda a alma e toda a força, nos liga também por cima de todas as divergências e diferenças teológicas. Como imagem de Deus (“*BtSéLèM ELoHÍM*” Gn 1,26s.), a pessoa humana está chamada à responsabilidade do seu agir diante de Deus, a qual se mostra, também segundo a tradição rabínica, no agir, quer dizer no cumprimento obediente dos mandamentos de Deus. Ao mesmo tempo, está, como imagem de Deus, remetida ao co-humano, em quem igualmente reconhece a imagem de Deus.

Hoje, a doutrina social católica fala de uma “responsabilidade da fé pelo mundo”. A posição judaica enfatiza que a escolha por Deus traz consigo a obrigação de promover justiça e paz no mundo. Juntos e também cada um por si, portanto, judeus e cristãos têm a tarefa de se empenhar por um mundo segundo Deus o vê. Estamos convencidos que um refletir e agir comum em questões políticas e sociais será também útil e necessária para a sociedade civil.

Frente à crítica atual no monoteísmo, o qual se repreende por reivindicação absoluta violenta, é para ser lembrada a tarefa ética comum, a qual resulta da ligação da pessoa humana com o seu criador, ligação essa que preserva de qualquer absolutivação de tudo o que não é Deus. Fé em Deus judaica e cristã, portanto, está intimamente ligada com uma crítica abrangente de totalitarismo e ídolos, a qual, numa sociedade secularizada, nos parece mais necessária do que nunca.

Exatamente porque as ligações religiosas na nossa sociedade se estão tornando visivelmente mais fracas, será importante que judeus e cristãos façam as suas convicções entrar no discurso social, mostrando a relevância da tradição bíblica para a formação da sociedade. Essa tarefa chega a ser cada vez mais difícil. Nisso, precisam também procurar o colóquio com os seus contemporâneos, os quais não têm lar em nenhuma tradição de fé ou não pertencem às instituições religiosas (cristão sem confissão ou fiéis longe de instituições), os quais, porém, estão seriamente preocupados pela justiça e a paz no mundo, pelo futuro do mundo.

Hoje e no futuro, judeus e cristãos são responsáveis juntos pelo que fiquem capazes de colóquio e agir dentro de um ambiente amplamente secularizado.

V. Fim: Juntos “chamados para ser bênção ao mundo”

40 anos depois de “*Nostra Aetate*” podemos registrar agradecidos que a declaração do Concílio Vaticano Segundo deu fruto na Cristandade. Pronunciamentos e iniciativas semelhantes das Igrejas da Reforma contribuía essencialmente para isso. Parece que os impedimentos principais foram tirados do caminho, os quais separaram os cristãos dos judeus e deram ao povo judaico no “ocidente cristão” sofrimentos terríveis e perseguições sangrentas. A acusação de deicídio, a alegação da rejeição divina do povo judaico eleito e a legitimação a-cristã do ódio aos judeus foram inequivocadamente condenadas pelas Igrejas. Ao lugar disso, nós cristãos chegamos à consciência de que estamos parentes com o Judaísmo a partir da raiz, e que sem o judaísmo não nos podemos entender retamente.

A virada histórica não pode mais ser anulada. O elo espiritual que junta judeus e cristãos não deve mais ser rasgado! Graças a Deus, essa mensagem está também aceita na Alemanha, no país da Shoáh. Não obstante, o perigo do anti-semitismo não está afastado. Em forma nova, continua irromper em todas as partes do mundo, lamentavelmente também na Alemanha.

Por isso, a tarefa do círculo de colóquio “Judeus e Cristãos” no Comitê Central dos Católicos Alemães não terminou. O que foi alcançado até agora não basta. ... Sabemos que precisamos, nomeadamente na geração crescente, de mulheres e homens, os quais, sob condições sociais mudadas, se empenhem com idéias novas e força grande de ação. Nós nos opomos ao aderir a um hobby ou ao ser um lobby. O colóquio cristão-judaico não é ingrediente qualquer: para cristãos, pertence ao centro da sua identidade.

Nisso, precisamos, de um lado, manter acordada a memória da Shoáh e memória essa enraizar na quarta geração depois da Segunda Guerra Mundial. Temos de lembrar as causas, também o antijudaísmo intra-ecclesial, as quais levaram à Shoáh. De outro lado, o nosso trabalho se orientará mais a concentrar o movimento de cristãos e judeus de uns em direção aos outros à responsabilidade comum para a nossa sociedade e nosso mundo em perigo. Para tanto nos obriga o convite enfatizado do papa João Paulo II, o qual, faz 25 anos, disse em Mainz (Mogúncia, Alemanha): “Judeus e cristãos estão sendo, como filhos (e filhas) de Abraão, chamados a serem bênção para o mundo.” Esperamos que também ganhemos os moslins, os quais também se remetem à filiação de Abraão, para essa obrigação. Que o Senhor da história abençoe o nosso propósito!

Referência à literatura: Veja pelo fim do texto alemão!

Membros do círculo de colóquio “Judeus e Cristãos”: Veja pelo fim do texto alemão!

Hospedes dos encontros da Academia de Munique de 2003 e 2004: Veja pelo fim do texto alemão!

Texto [alemão](#)

Tradução: Pedro von Werden SJ - Rua Padre Remeter, 108 - Bairro Baú - 78008-150 Cuiabá-MT - BRASIL - pv-werden@uol.com.br